

**RELATOS DE PRÁTICA DE CRÍTICA TEXTUAL:
PELO PRAZER DO TEXTO MANUSCRITO**

Grasiela Veloso dos Santos (UNEMAT)

grasinhavs@hotmail.com

Arlete Tavares Buchardt (CEFAPRO)

atbuchardt@gmail.com

RESUMO

A crítica textual tem como principal função preparar o texto para um público especializado, entre eles: historiadores, linguistas e outros estudiosos que podem encontrar nesses *corpora* uma fonte de pesquisa confiável. É uma ciência de suma importância para o estabelecimento da história e para o estudo das línguas. Pretendendo despertar nos alunos e alunas da UNEMAT (Universidade Estadual de Mato Grosso) de Sinop, especialmente aqueles e aquelas do curso de letras, a apreciação pelo trabalho de edição de manuscritos, assim como para a importância dessa ciência realizamos o minicurso “Prática de Crítica Textual e Apontamentos Paleográficos em Três Códices de Garcia de Resende: 1521, 1529 e 1545” durante o XII CONAELL (XII Colóquio Nacional de Estudos Linguísticos e Literários). Sendo este o primeiro momento de exposição e trabalho com a edição de manuscritos em Sinop, adquire, portanto, uma importância considerável e digna de ser socializada. Com este fim, objetivamos fazer um relato de experiência do minicurso no qual trabalhamos com os fac-símiles do “Breue memorial dos pecados & cousas que pertencem há côfissam, hordenado por Garcia de resende, fidalgo da casa del Rei nosso senhor” o qual tinha por objetivo aproximar os estudantes da crítica textual/filologia. Seguiremos a metodologia do estudo de caso, com análise de textos dos cursistas e observações de campo registradas durante a realização do mesmo quando estudamos os aspectos teóricos e metodológicos da edição de manuscritos, assim como as ciências que auxiliam o trabalho do filólogo. O aporte teórico principal se fundamentará em: Acioli (1994), Spina (1977), Cambraia (2005, 2012), Flexor (2008), Silva (2010), Azevedo-Filho (1987), entre outros que se fizerem necessários.

Palavras-chave: Filologia. Crítica textual. Edição semidiplomática. Paleografia.

1. Introdução

Crítica textual tem sido uma paixão, por anos temos nos envolvido com este ramo da ciência, encontrando no estudo, análise e edição de manuscritos um dos maiores prazeres enquanto profissionais da área de letras. Por experienciar tal trabalho e saber de sua importância e valor é que planejamos socializá-lo com a sociedade de nosso entorno, comunidade em geral, mas, especialmente os alunos e alunas do curso de letras da Universidade de Mato Grosso, *campus* de Sinop, onde residimos.

Por este motivo é que o presente texto tem por objetivo central di-

vulgar o trabalho com a filologia/crítica textual por meio de resultados adquiridos em experiência vivenciada num evento consolidado na cidade de Sinop, promovido pela Universidade Estadual de Mato Grosso, o “XII Colóquio Nacional de Estudos Linguísticos e Literários: Multiletramentos: educação linguagem e sociedade”, promovido pelo curso de letras. O evento objetivou “promover o debate acadêmico em torno dos estudos da língua, literatura e ensino, por meio de uma perspectiva interdisciplinar no espaço múltiplo da Amazônia Legal e seus arredores”²³⁰.

A ideia do minicurso surgiu do desejo e da necessidade de divulgar a filologia/crítica textual no contexto mato-grossense. Reunimos experiências adquiridas no curso de pós-graduação *stricto sensu* das universidades federais do Mato Grosso e da Bahia, instituições das quais vieram as ministrantes do minicurso.

Traçamos as descrições e os resultados alcançados com uma experiência inédita nessa área do conhecimento com os acadêmicos do curso de letras e comunidade local. Optamos por apresentar algumas conceituações teóricas relacionadas à definição de filologia e crítica textual, bem como de algumas ciências que lhe são auxiliares como a paleografia e a codicologia. Para além dos aspectos teóricos, priorizamos também a prática de edição de texto, seguindo algumas normas previamente estabelecidas.

1.1. O minicurso

O evento teve duração de 5 dias, porém o minicurso só ocorreu no último dia do evento com carga horária de 4 horas apenas. Para a realização deste, escolhemos um documento com três testemunhos²³¹ denominado “Breue memorial dos pecados & cousas que pertencem há cõfissam, hordenado por Garcia de resende, fidalguo da casa del Rei nosso senhor” 1521, 1529 e 1545. As três versões estão disponíveis para *download* em bibliotecas digitais de Portugal²³². Escolhemos esse documento por já ter tido um contato anterior com ele no curso de pós-graduação e também pelo fato de apresentar um estilo de letra que se presume de

²³⁰ Informações retiradas do site do evento <<http://www.conaell.com.br/>>.

²³¹ Testemunho é cada registro de um texto escrito (CAMBRAIA, 2005, p. 63)

²³²Disponíveis em: <<http://purl.pt/109>>, <<http://bdalentejo.net/BDAObra/obras/305/PDF/305.pdf>> e <<http://purl.pt/16741>> Acesso em: 05 de out. de 2014.

maior facilidade de leitura, inclusive para alunos iniciantes na prática de leitura de textos antigos.

O objetivo do minicurso era o de aproximar e despertar nos alunos e alunas da UNEMAT (Universidade Estadual de Mato Grosso) de Sinop, especialmente aqueles e aquelas do curso de letras, a apreciação pelo trabalho de edição de manuscritos, assim como para a importância da filologia/crítica textual para os estudos e pesquisas em diversas áreas do conhecimento.

1.2. Material e metodologia adotada

Seguimos a metodologia do estudo de caso, com análise de textos dos cursistas e observações de campo registradas durante a realização do minicurso quando estudamos os aspectos teóricos e metodológicos da edição de manuscritos, assim como as ciências que auxiliam o trabalho do filólogo.

As etapas de aplicação do minicurso se deram da seguinte maneira:

- 1) Indagações iniciais
 - O que levou você a escolher esse minicurso?
 - O que você entende por crítica textual e/ou filologia?
- 2) Apresentação de itens relacionados ao campo da crítica textual/filologia:
 - Fac-símiles de letras e épocas diferenciadas;
 - Maiúsculas interessantes;
 - Minúsculas interessantes;
 - Instrumentos e suportes da escrita cursiva;
 - Fac-símiles de manuscritos de Mato Grosso;
 - Fac-símiles de manuscritos da Bahia;
 - Fac-símiles de manuscritos medievais;
- 3) Definição de crítica textual e filologia;

- 4) Breve histórico da crítica textual;
- 5) Paleografia e codicologia;
- 6) Critérios de uma edição semidiplomática;
- 7) Edição do *Breue memorial*:
 - Autor;
 - Época;
 - Obra;
 - Edição;
- 8) Breves considerações gramaticais e linguísticas – acentuação, pontuação, sinais do texto, consoantes geminadas, nasalização, período da língua portuguesa;
- 9) Atividade prática: Exercício de edição semidiplomática;
- 10) Avaliação do minicurso.

2. Indagações iniciais

Cientes de que muitas pessoas não possuem definição adequada de crítica textual, julgando que esta se refere à análise e interpretação de textos, domínios da linguística textual, iniciamos o minicurso questionando os participantes sobre as razões de sua opção pelo minicurso e seu entendimento de crítica textual, como seguem:

O que levou você a escolher esse minicurso?

O que você entende por crítica textual e/ou filologia?

Desejávamos realizar um trabalho que realmente contemplasse a construção de conhecimentos nessa área, mostrando sua importância, seu valor e motivando a comunidade, os alunos e alunas a apreciarem tal ramo da ciência. Buscando alcançar esse objetivo oferecemos aos cursistas um fac-símile de um dos fólios da Carta de Pero Vaz de Caminha; uma das cursistas, por solicitação e convite, aceitou ler o texto. Este momento foi marcante, pois todos os inscritos ficaram sem ação ao verem que o texto era de impossível leitura aos olhos destreinados para a escrita cursiva de 1500. Em seguida oferecemos a transcrição do fólio da Carta, a qual foi lida pela pessoa que se oferecera anteriormente.

As discussões posteriores trouxeram à tona a importância do trabalho do filólogo ao realizar edições de textos históricos, destacamos também, nesse momento, todos os tipos de textos que podem se tornar alvo do trabalho de crítica textual e edição. Abaixo explanamos estas ações e trazemos o fólio de um trecho da carta de Pero Vaz de Caminha²³³:

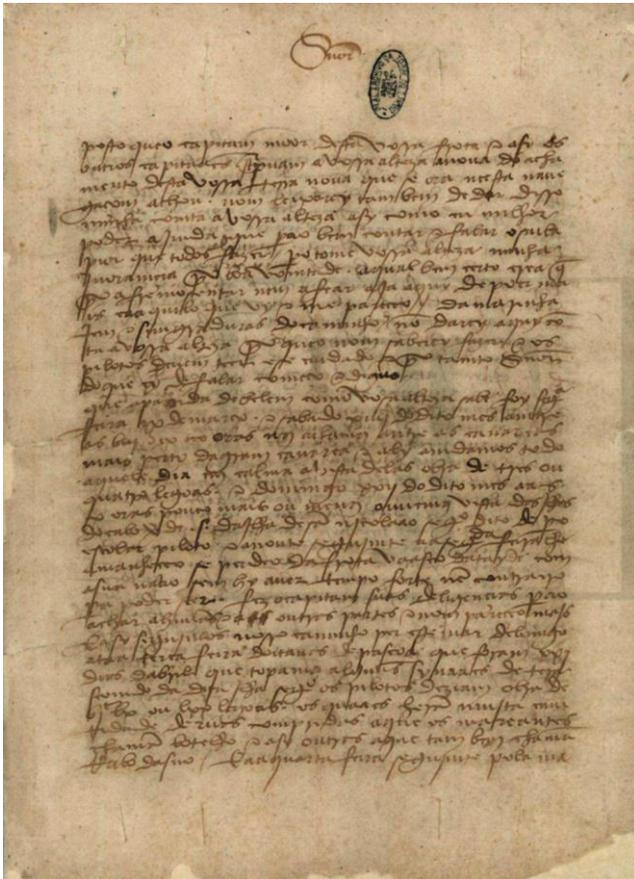


Figura 1: Fac-símile da Carta de Pero Vaz de Caminha.

²³³ Disponível em: <<http://www.historia-brasil.com/descobrimto/carta-caminha-imagem.htm>>. Acesso em: 28-11-2014.

3. Apresentação de itens relacionados ao campo da crítica textual/filologia

A fim de chamar a atenção e motivar os cursistas passamos um vídeo sobre “A evolução do livro: da pedra ao e-book”²³⁴ o qual destaca a história da escrita e seu suporte.

Ainda objetivando mostrar a atratividade dessa área do saber trouxemos vários fac-símiles de manuscritos medievais, mato-grossenses e baianos os quais socializamos com o grupo.



Figura 2-a:

Participantes folheando cópias de fac-símiles medievais, mato-grossenses e baianos

²³⁴ Vídeo disponível para visualização em: <<http://www.youtube.com/watch?v=eXGnO-jT5YQ>>. Acesso em: 07-10-2014.



Figura 2-b:

Participantes folheando cópias de fac-símiles medievais, mato-grossenses e baianos

Passamos em seguida, às explanações teóricas sobre a definição de crítica textual, suas origens, as ciências auxiliares que colaboram no trabalho de edição de manuscritos, os critérios adotados nesse processo. Assuntos sobre os quais passamos a falar agora, conforme seguem:

4. Crítica textual e filologia: definições-origens

4.1. Ciências auxiliares: paleografia e codicologia

4.1.1. A filologia e/ou crítica textual

A filologia é uma ciência antiga que remonta o período alexandri-
no da Grécia antiga (séc. III a.C.). Atribui-se aos filósofos da Biblioteca

de Alexandria as primeiras práticas filológicas, pois a preocupação de preservar obras importantes da literatura, como as de Homero deram início à manutenção e transmissão dos textos pautados na originalidade. Entende-se que

A filologia é a ciência do texto e, neste sentido, tem como labor fixar, reconstruir, criticar etc., os textos transmitidos através dos tempos. O labor filológico consiste na recuperação das informações contidas nesse patrimônio a partir da realização de edições semidiplomáticas, as quais permitem a leitura dos textos sem a necessidade de manuseá-los (QUEIROZ, 2012, p. 252).

O termo filologia apresenta várias definições, principalmente relacionado ao seu campo de atuação, para alguns teóricos é sinônimo de crítica textual, termo mais modernizado nascido da filologia, para outros tanto um como o outro, possuem distinções muito claras. Adotamos aqui uma postura de utilização dos termos como convergentes por não desenvolvemos no curso análises aprofundadas e pelas duas terminologias estarem em consonância com a prática de edição de textos, foco da atividade do minicurso. Em relação às terminologias destaca Santiago-Almeida:

Filologia, e por extensão crítica textual, não é um termo de pouca idade. Então não é de se estranhar que leiam-se nele, à primeira vista, dessemelhantes conceitos. Por consequência, assim a prática como a teoria podem embicar por caminhos diversos. Mas, focando o todo, conceitos, práticas e teorias se tangerem (SANTIAGO-ALMEIDA, 2011, p. 1).

A filologia é uma ciência interdisciplinar, pois no processo de estudo e edição de textos exige do filólogo que recorra a outras disciplinas que lhes são auxiliares,

Principalmente associada ao estudo dos textos antigos, a filologia anda, cada vez mais, de mãos dadas com a paleografia, a diplomática, a ecdótica, a história (inclua-se aí a história da tipografia e da imprensa). Num registro documental o filólogo pode extrair diferentes informações, dando um olhar abrangente sobre o objeto, pois nele ele reconhece o suporte, a letra, o tipo gráfico, as abreviaturas, os matizes da língua da época do documento (LOSE, 2012, p. 198).

Deixamos claro para os cursistas que o trabalho filológico é de suma importância para empreendimentos investigatórios relacionados à língua, à história, a literatura, à diplomática entre outros, pois fornece material mais confiável e com rigor metodológico. Cambraia (2012, p. 138) destaca que os estudos filológicos no Brasil ganharam mais espaço a partir da década de 80, quando a linguística histórica e a crítica genética necessitaram de corpora para estudos aprofundados do português brasileiro.

Spina (1977, p. 77) delimita três funções atribuídas à atividade filológica:

1ª) *Função substantiva*: concentra-se no texto para explicá-lo, restituí-lo à sua forma genuína e prepará-lo tecnicamente para a publicação; 2ª) *Função adjetiva*, em que ela deduz do texto, aquilo que não está nele: a determinação de autoria, a biografia do autor, a datação do texto, a sua posição na produção literária do autor e da época, bem como a sua avaliação estética (valorização); 3ª) *Função transcendente*, em que o texto deixa de ser um fim em si mesmo da tarefa filológica para se transformar num instrumento que permite ao filólogo reconstituir a vida espiritual de um povo ou de uma comunidade em determinada época. A individualidade ou a presença do texto praticamente desaparece, pois o leitor, abstraído do texto, apenas se compraz no estudo que dele resultou. É importante observar, na função substantiva do labor filológico, o seu caráter erudito; na função adjetiva, etapas de investigação literária; e na função transcendente, a vocação ensaística do filólogo, em busca da história da cultura.

Resumindo, o trabalho do filólogo se condensa no texto e sua atividade está no ato de ler, interpretar e editar textos, antigos, modernos, manuscritos ou impressos de qualquer natureza.

4.1.2. Paleografia

Um dos campos apresentados aos participantes de forma muito breve, foi a paleografia, ciência de suma importância para a leitura e interpretação dos tipos de escrita. Mendes (1953, p. 11) explica que na “etimologia da palavra têm-se de imediato o seu significado: *paleos* = antigo; *graphein* = escrever. Paleografia é, portanto, escrita antiga, ou seja, o estudo da escrita antiga”. Em Acioli (1994, p.6) temos o seguinte:

[...] a ciência que lê e interpreta as formas gráficas antigas, determina o tempo e lugar em que foi redigido o manuscrito, anota os erros que possa conter o mesmo, com o fim de fornecer subsídios à história, à filologia, ao direito e a outras ciências que tenham a escrita como fonte de conhecimento.

Para ilustração, mostramos uma descrição paleográfica relacionada às letras maiúsculas encontradas num dos fólios do *Breve Memorial*:

1521	1529	1545
 “P” (L.1)	 “P” (L. 1)	 “P” (L.1)
 “R” (L.1)	 “R” (L. 1)	 “R” (L. 1)
 “E” (L.9)	 “R” (L. 10)	 “E” (L. 8)

4.1.3. Codicologia

Assim como a paleografia, a codicologia também é uma ciência que pode auxiliar a filologia. Ahamos importante também contextualizar um pouco dessa área para os participantes. Cambraia (2005, p. 26) assim a define:

A codicologia consiste basicamente no estudo da técnica do livro manuscrito (...) Dain (1975, p. 77) considerava como missões e domínio da *codicologia* a história do manuscrito, a história das coleções de manuscritos, problemas de catalogação, repertórios de catálogos, o comércio dos manuscritos, sua utilização etc. (...) Lemaire: (1989, p. 3) postula dever a codicologia fixar-se sobretudo em compreender os diversos aspectos da confecção material primitiva do códice”.

Socializamos em seguida os fólhos selecionados para o trabalho de exemplificação de edição, apresentando brevemente autor e período histórico como convém a uma edição semidiplomática. Procuramos ainda destacar alguns aspectos paleográficos presentes no manuscrito utilizado.

4.2. Edição semidiplomática do *Breue Memorial*

4.2.1. Autor, período histórico, edição e aspectos paleográficos

Para contextualizar, apresentamos o fac-símile do fólho dos três testemunhos da página 3 (3v) e da página inicial dos três testemunhos: (1521, 1529, 1545 – Fólhos 2r) e utilizados para exemplificação de edição semidiplomática, conforme seguem abaixo:

1521	1529	1545
<p>Difinidamente que sam r o estado em q viuo: se nelle vfo como deuo r he rezam. principalmente os que tem cura dalmas o cuydado r deligencia que tem em enffynar r corregger feus fubditos: r olhar pollas coufas da ygreja. r como depenem os bees della. E per que maneira ouueram o beneficio que tem. E os que tem mado juridicam se olbam pollo pouo r pueyto comu como deuê de fazer ou se lhe dá apressões r os apremam muyto r se ferue delles ou se lhe tomã o seu. E os da justiça se ha fazẽ verdaderamente como deuê: ou se a deiram de fazer por amor ou odio ou temor ou cobicia: ou piedade: ou se cõ yra r rigor: dã mais asperas sentenças: pod</p>	<p>Difinidamente que sam r o estado em q viuo: se nelle vfo como deuo r he rezã: principalmente os q tẽ cura dalmas o cuydado r deligencia que tẽ em enffynar r corregger feus fubditos: r olhar pollas coufas da ygreja. r como depen dẽ os bees della. r per que maneyra ouueram o beneficio que tẽ. E os que tem mado juridicam se olbã pollo pouo r pueyto comu como deuê de fazer ou se lhe dá apressões r os apremam muyto r se ferue delles ou se lhe tomã o seu. E os da justiça se ha fazẽ verdaderamente como deuê: ou se a deiram de fazer por amor ou odio ou temor ou cobicia: ou piedade: ou se cõ yra r rigor: dã mais asperas sentenças:</p>	<p>Difinidamente que sã r o estado em q viuos se nelle vfo como buo r herazã: principalmente os q tem cura dalmas ho cuydado q tẽ de enffynar r corregger feus fubditos r olhar por as coufas da ygreja: r como depen dẽ os bees della r per que maneyra ouueram ho beneficio q tẽm. E os que tem mado ou juridicose ou lã polo pouo r pueyto comu como deuê de fazer ou se lhe dão opressões r os apinã muyto r se ferue delles: ou se lhe tomã o seu. E os da justiça se a fazem verdaderamente r como deuê: ou se a deiram de fazer por amor ou odio ou temor: cobicia ou piedade: ou se cõ yra r rigor: dã mais asperas sentenças do que ho caso requerer: se fazẽ por yqual affiã os grandes como aos peqnos. E affiã offiçias do rey q tẽm mando em fua casa ou fazendã: r qelquer outros offiçias</p>

(Fólho 3v)

Breve memorial dos peccados
e coufas que pertécemba confis-
sam ordenado por Garcia de ree-
fende fidalgo da casa del Rey nos-
so senhor.

Oraçam pera dizer antes de
tratar ba confissam.

Enhoz pollatua pai-
ra e infunda
mia qyras abzir
meu etédimêto
memoria e vóta
de pa q comuy-
ta cōtrica e arrepedimêto possa
confessar todos meus peccados:
e faça verdadeyra pençença e
me possa e sayba doutros goar-
dar. Amen.

ã ij

Breve memorial dos peccados
e coufas que pertenc ha confissã
ordenado por Garcia de ree-
fidalgo da casa del Rey nosso
senhor.

Oraçam pera dizer antes
de tratar ha confissam.

Enhoz pollatua pai-
ram e infunda mifi
cordia queiras abzir
meu etédimêto me-
mozia e vótade para
que com murya con-
trican e arrepedimêto possa cō-
fessar todos meus peccados e fa-
ça verdadeyra pençença e me pos-
sa e saiba doutros goardar. amen



Breve memorial de peccados e
coufas que pertencam a confissão.
Ordenado per Garcia de Resen-
de, fidalgo da casa del Rey nosso
senhor.

Com privilegio.



4.2.2. Contextualização do autor

Segundo informações retiradas de *sites* da internet como *infopédia*, *wikipédia*, Garcia de Resende nasceu em Évora aproximadamente no ano de 1470. Filho de humanistas ilustres da época, sendo André de Resende e Falcão de Resende. Devido a sua origem, esteve em contato frequente com a corte, local em que desenvolveu talentos na área poética, musical, também atuou como desenhista e cronista. Tantos talentos acabaram por lhe conceder a designação de homem culto. Em 1536 faleceu, vindo a ser sepultado na capela Nossa Senhora.

Ainda que tenha desenvolvido e utilizado inúmeros talentos artísticos, Garcia destacou-se como escritor e compilador. Foi a partir de 1530 que fixou residência em Évora para finalizar seus escritos, dentre estes, o *Cancioneiro Geral*, obra que aborda a temática do amor sublime e da vassalagem amorosa a qual destaca o amor trágico.

Os poemas presentes no *Cancioneiro* também abordam composições de cunho social, os quais revelam postura crítica em relação à sociedade, às transformações históricas e políticas da época e ao descontentamento em relação aos desmandos da corte dando origem à afirmação individual “de um *eu* oposto aos *outros*”

Dessa forma, como nos afirma o *site infopédia* já citado:

Prepara-se assim, o terreno para a composição de uma obra de espiritualidade que conheceu ainda em vida do autor três edições sucessivas, o *Breue Memorial dos pecados e cousas que pertencem há confissam hordenado por Garcia de Resende fidalgo da casa del Rei nosso senhor*.

O *Memorial* apresenta algumas características que nos chamam a atenção conforme explanado pelo *site infopédia*:

Trata-se de um guia penitencial redigido provavelmente em coautoria com D. Jorge de Almeida, bispo de Coimbra, e que apresenta várias particularidades de especial importância para a história do sentimento religioso em Portugal no início do século XVI. Destinado a leigos, este primeiro “memorial dos pecados” em língua vulgar assume, no questionário, a enunciação do próprio penitente que, ao realizar o seu exame de consciência, percorre com minúcia todas as circunstâncias pelas quais poderia ter incorrido em pecado, oferecendo-nos em simultâneo, um testemunho do estado da disciplina penitencial em Portugal no momento da Reforma Protestante, e um eco dos problemas e inquietações da mentalidade quinhentista.

4.2.3. Contextualização da época

O primeiro *Breve Memorial* data de 1521 e o último de 1545, isto nos leva ao período histórico do Humanismo (1418-1527) e do Renascimento (1527-1580).

O Humanismo se desenvolve no sentido da descoberta de que o homem tem em si grande força, sendo capaz de dominar o mundo, o universo e transformar o ambiente em que vive. Tal pensamento conduz ao desenvolvimento e ampliação da cultura, amplia-se também a visão do universo como algo dinâmico. Outro ponto importante é que nesse período predomina a coexistência da cultura religiosa, predominante no período trovadoresco, com a cultura profana, devido ao desenvolvimento do comércio, ao estabelecimento das cidades e à expansão marítima.

Já o Renascimento/Classicismo, momento histórico e cultural seguinte traz em seu bojo o alargamento do conhecimento do universo, do mundo e do homem, assim como o avanço do saber em áreas como a matemática, medicina, astronomia e na navegação. Isto traz ainda maior valorização ao homem e seu potencial inventivo e criador, assim como da vida terrena, passando tudo, especialmente o mundo, o homem e a vida, pelos olhos do racionalismo. Nesse período o homem buscava entender como se processa a interação universal e isto tem estreita relação com a forma, com a noção de beleza, com o equilíbrio entre Bem e Verdade, razão e emoção.

É nesse contexto histórico/filosófico que Garcia de Resende traz a lume o *Breve Memorial*, sendo 1521, 1529 e 1545 os anos de suas versões/edições.

4.2.4. Breves considerações sobre a obra *Breve Memorial*

Após breves explicações sobre período, autor e obra, socializamos a transcrição do *Breve* em seus três testemunhos/códices e abordamos algumas características presentes nos manuscritos, sendo que um *sí-te* destaca que o *Breve Memorial* foi escrito com o objetivo de ensinar o cristão a se confessar e apresenta algumas outras características da obra que merecem ser pontuadas, como segue:

Em 1518, num período em que os confessores já desempenhavam um papel decisivo na sociedade laical, Garcia de Resende, funcionário do monarca D. Manuel (1469-1521), elaborou o Memorial dos pecados para ajudar o cristão a se confessar corretamente. A peculiaridade dessa obra é ser o único ma-

nual de confissão português dessa época escrito por um *leigo*. O memorial dos pecados é um curto opúsculo, de mais ou menos quarenta páginas, em que Garcia de Resende descreve um rol de frases que o penitente deveria proferir durante a confissão penitencial para externalizar suas dores e angústias. Essa obra também se notabilizou por tecer alguns comentários sobre os sacramentos da Igreja, os mandamentos sagrados, os pecados capitais e os artigos de fé. Ao longo do século XVI, ela foi editada quatro vezes – em 1518, 1521, 1529 e 1545.²³⁵

O *Breue Memorial* é tido como uma obra de caráter inerentemente normativo-religioso. Dentre os vários pecados citados na lista do texto de Resende, encontram-se os “sete pecados mortais”, conhecidos hoje como os “sete pecados capitais”. Ademais, consta no *Breue Memorial* uma parte dedicada aos “dez mandamentos”, aos “doze frutos do espírito” e às “bem-aventuranças”, todos seguidos de orientações e prescrições (NASCIMENTO, 2009, p. 53).

4.2.5. A transcrição

Após abordar os aspectos históricos, de autoria e detalhes da obra *Breue Memorial* passamos a falar sobre os critérios a serem adotados, sendo que estes seguiram as “Normas de Transcrição de Documentos Manuscritos para a História do Português Brasileiro”, acordadas no II Seminário para a História do Português Brasileiro, ocorrido no período de 10 a 16 de maio de 1998, em Campos do Jordão, São Paulo, publicadas por Mattos e Silva (2001, p. 553-555). Seguem os princípios com algumas adaptações:

- i) As abreviaturas são desdobradas e os caracteres nelas omitidos são expressos em itálico.
- ii) A ortografia, letras maiúsculas e minúsculas, acentuação, pontuação etc. são mantidas como no original.
- iii) As linhas são numeradas e indicadas de cinco em cinco, com os testemunhos lado a lado (1521, 1529, 1545) para facilitar o cotejo.

Socializamos em seguida a transcrição do fólio selecionado em seus três testemunhos a fim de que os cursistas pudessem visualizar e observar as diferentes versões com seus detalhes paleográficos.

²³⁵ Disponível em < <http://acervo.cedaph.org/items/show/1590> > Acesso em 05 de out. de 2014.

4.2.6. Considerações sobre os aspectos gramaticais e linguísticos

Os excertos dos documentos de 1521/1529/1545 apresentam escrita bem cuidada e produzida por mãos hábeis. O traçado das letras é regular e há homogeneidade no tamanho das letras, respeito à pauta e às linhas imaginárias.

Foi utilizada a escrita gótica librária de formas arredondadas nos três fólhos. A escrita gótica predominou em Portugal até o século XVI, época em que começa a competir com ele a escrita humanista ou italiana (SPINA, 1977, p. 35). A gótica librária é própria de manuscritos litúrgicos, letras de módulo grande e formas geometrizadas.

Há a presença de iluminura presente na letra capital “P”:



(Ms, 1521)

Os manuscritos trazem sinais estigmológicos de pontuação. Sendo que pudemos observar, apenas nesses excertos dos três testemunhos, ocorrências de sinais de pontuação na forma de ponto moderno (.), o hífen (-) dois pontos (:), traçado de uma barra inclinada (/), e, por fim um sinal semelhante às aspas modernas (”).

As barras inclinadas à direita serviam para indicar uma pausa mais breve no texto, eram chamadas de *vírgulas suspensivas*. (NASCIMENTO, 2009, p. 57)

Os dois pontos, que na verdade não têm nada a ver com a função desse sinal na contemporaneidade, servia, por exemplo, para separar um sintagma nominal, usado antes da aditiva *e*, e da alternativa *ou*. Hoje seria substituído pela vírgula. Esse tipo de sinal também era chamado de *comma*. (NASCIMENTO, 2009)

Para separação vocabular no final de linha, visualizamos o hífen.

Vale salientar a presença das letras ramistas, as quais são assim denominadas em razão do nome do humanista francês, do século XVI, *Petrus Ramus ou Pierre de la Ramée* (1515-1572), que as propôs em razão de “os escribas da Idade Média, tanto quanto os latinos, não distinguem I e J e U e V” (HIGOUNET, 2003, p. 105). O J e V não pertenci-

am ao alfabeto latino, foram letras criadas para representar valores consonantais do I e U, antes usadas indistintamente como vogais (ACIOLI, 1994, p. 29).

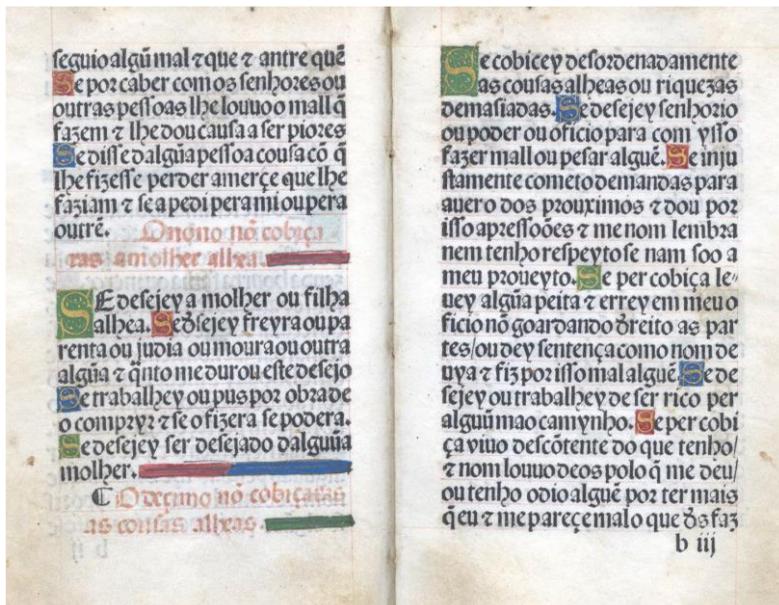
Quanto aos aspectos ortográficos observamos a presença das consoantes geminadas, dobradas ou duplicadas.

4.2.7. A atividade prática dos cursistas e avaliação do minicurso

Como desejávamos desenvolver a apreciação pelo trabalho do filólogo e como acreditamos que isso só se dá na atividade interativa, no contato real com o manuscrito, organizamos uma atividade prática que seguiu a estrutura de exercício e avaliação do minicurso a fim de podermos observar se realmente alcançamos os objetivos propostos inicialmente.

Foi solicitado aos participantes que fizessem a edição semidiplomática²³⁶ dos três fólios expostos abaixo seguindo alguns critérios de edição. Os critérios adotados seguiram as “Normas de Transcrição de Documentos Manuscritos para a História do Português Brasileiro”, acordadas no II Seminário para a História do Português Brasileiro, conforme já foi dito e especificado acima, sendo que cada cursista elencou os critérios que utilizaria no exercício de edição semidiplomática dos fólios 3r e 3v (1521).

²³⁶ A edição semidiplomática possui um grau médio de intervenção do editor com o texto (CAMBRAIA, 2005, p. 95), pois se desdobram as abreviaturas, não se estabelece fronteira de palavras, mantêm-se os sinais de pontuação e realizam-se conjecturas devidamente sinalizadas pelo editor. Essa definição é similar à de outros autores que também a chamam de *paradiplomática*, *diplomático-interpre-tativa* ou *paleográfica*, conforme Spina (1977) e Azevedo Filho (1987).



Apresentamos a lupa como um dos instrumentos necessários ao trabalho do editor, deixando que os cursistas manuseassem os fac-símiles e utilizassem a lupa. Foi um belo momento.





Figura 3: Participantes fazendo a edição do texto.

5. Resultados e considerações finais

Ao final das atividades solicitamos aos cursistas que fizessem uma breve avaliação do minicurso a fim de visualizar se nossos objetivos foram alcançados. Estes expuseram oralmente e por escrito, alguns pontos que pensamos serem importantes e dignos de destaque. Em seguida, expomos algumas das falas registradas por eles.

Ao serem questionados quanto às contribuições do minicurso para a formação intelectual/educacional/profissional destacaram alguns pontos dignos de ressalva como se podem observar nas falas abaixo:

Cursista 1:

“A contribuição do minicurso para mim foi muito rica, porque não tinha noção do que seria essa disciplina no entanto foi muito prazerosa.”

Cursista 2:

“Poderia haver uma oportunidade de podermos participar de mais aulas dessas para acrescentarmos os nossos, aprendizado.”

Cursista 3:

“O material foi importante para entender o significado da Crítica textual.”

Cursista 4:

“O vasto conhecimento que se pode adquirir com textos antigos através de sua análise.”

Cursista 5:

“Maior compreensão do que é filologia.”

Cursista 6:

“Possibilitou uma visão mais ampla e aberta em relação a língua.”

Conforme podemos perceber pelas exposições dos cursistas verificamos que muitos deles não sabiam o que era filologia/crítica textual, termos totalmente desconhecidos para a maioria, pois essa área não é estudada no contexto mato-grossense. Inclusive, salientamos que muitos dos inscritos escolheram participar do minicurso por associar a área apenas com a literatura, pensando se tratar de crítica literária ou linguística ou algo semelhante. Termos como paleografia e codicologia também causaram muita estranheza aos participantes, antes de conhecê-los durante o minicurso.

Acreditamos que a oportunidade que tivemos de ministrar um minicurso dessa natureza só veio contribuir para a divulgação e ampliação do conhecimento sobre crítica textual/filologia na cidade de Sinop. Pensamos ainda que houve um despertar dos presentes para essa área do conhecimento. Esperamos promover novas formas de difusão desse trabalho que ainda é insipiente em Mato Grosso e mais ainda em Sinop.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACIOLI, V. L. C. *A escrita no Brasil Colônia: Um guia para a leitura de documentos manuscritos*. Recife: Massangana/Fundação Joaquim Nabuco, 2003.

ALMADA, Marcia. *Das artes da pena e do pincel* [manuscrito]: *caligrafia e pintura em manuscritos no século XVIII*. 2011. Tese (Doutorado em História), Programa de Pós-Graduação do Departamento de História da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

AZEVEDO FILHO, L. A. *Iniciação à crítica textual*. Rio de Janeiro: Presença; São Paulo: Edusp, 1987.

BORGES, R.; SOUZA, A. S. de. *Edição de texto e crítica filológica*. Salvador: Quarteto, 2012.

CAMBRAIA, C. N. *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. Perspectivas para a crítica textual no Brasil: ultrapassando fronteiras. In: TELLES, Célia Marques; SANTOS, Rosa Borges dos. (Orgs.). *Filologia críticas e processos de criação*. Curitiba: Appris, 2012, p. 275-283.

FLEXOR, M. H. O. *Abreviaturas: manuscritos do século XVI ao XIX*. 3. ed. rev. aum. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2008.

LOSE, A. D.; MAZZONI, V. S. Arquivos eclesiásticos: a filologia como porta de entrada. In: TELLES, Célia Marques; SANTOS, Rosa Borges dos. (Orgs.). *Filologia críticas e processos de criação*. Curitiba: Appris, 2012, p. 275-283.

MATTOS E SILVA, R. V. Normas para transcrição de documentos manuscritos para história do português do Brasil. In: _____. (Org.). *Para a história do português brasileiro*. V. II, Primeiros estudos. Tomo II. São Paulo: FFLCH/USP; FAPESP, 2001, p. 553-555.

NASCIMENTO, H. I. O. Edição e estudo da pontuação em uma obra de Garcia de Resende. In: OLIVEIRA, K.; SOUZA, H. F. C.; GOMES, L. (Orgs.). *Novos tons de Rosa... para Rosa Virgínia Mattos e Silva*. Salvador: Edufba, 2009, p. 52-61.

MENDES, U. D. *Noções de paleografia*. São Paulo: Arquivo público do Estado de São Paulo, 1953.

QUEIROZ, R. C. R. Edição de documentos manuscritos baianos: autos de defloração. In: TELLES, Célia Marques; SANTOS, Rosa Borges dos. (Orgs.). *Filologia críticas e processos de criação*. Curitiba: Appris, 2012, p. 241-253.

SANTIAGO-ALMEIDA, M. M. Para que filologia/crítica textual? *Revista Acta*. Revista do grupo de pesquisa “A escrita no Brasil colonial e suas relações. Assis, vol. 1, 2011. Disponível em: http://www.assis.unesp.br/Home/SitesInternos/RevistaActa/PARAQUE_FILOLOGIACRITICATEXTUAL%28revistoISSN%29.PDF>. Acesso em: 28-11-2014.

SPINA, S. *Introdução à edótica*. São Paulo: Cultrix, 1977.

Sites consultados

<http://www.edtl.com.pt/index.php?option=com_mtree&link_id=200:filologia&task=viewlinkAcesso>. Acesso em: 30-09-2014.

<<http://bibliotecaortodoxadobrasil.blogspot.com.br>>. Acesso em: 05-10-2014.

<<http://www.ebay.ca/itm/Briefe-an-Moriz-Haupt-Hrsg-Von-J-Vahlen-by-Karl-Lachmann-Haupt-Moriz-/310969421298>>. Acesso em: 11-09-2014.

<<https://pt.scribd.com/doc/233058260/Apresentacao-Diana-pdf>>. Acesso em: 11-09-2014.

<<https://www.umass.edu/wsp/philology/gallery/lachmann.html>>. Acesso em: 11-09-2014.

<<http://pt.slideshare.net/lucaspessota/a-biblioteca-de-alexandria-bci-turma-2011>>. Acesso em: 11-09-2014.

<http://www.lsa.umich.edu/lsa/ci.asoldiersaveshomer_ci.detail>. Acesso em: 11-09-2014.

<http://www.indianetzone.com/67/poems_sanskrit_literature.htm>. Acesso em: 03-09-2014.

<<http://www.pt.wikipedia.org/wick/Garcia-de-resende>>. Acesso em: 03-09-2014.

<http://www.shivanandasevashram.org/he_says.htm>. Acesso em: 03-09-2014.

<[http://www.infopedia.pt/\\$garcia-de-resende](http://www.infopedia.pt/$garcia-de-resende)>. Acesso em: 03-09-2014.

<<https://www.youtube.com/watch?v=r7yeiRtc1fA>>. Acesso em: 03-09-2014.

<<http://revistaeatualizada.blogspot.com.br/2012/02/suporte-para-escrita.html>>. Acesso em: 03-10-2014.

<<http://www.mochileiroselvagem.com/2013/03/coronel-percy-fawcett-missao-secreta.html>>. Acesso em: 20-09-2014.

<<http://www.uefs.br/filologia>>. Acesso em: 13-09-2014.

<[http://www.infopedia.pt/\\$garcia-de-resende](http://www.infopedia.pt/$garcia-de-resende)>. Acesso em: 24-09-2014.